

Ensino público com bons resultados

» ERNESTO FARIA

Doutorando em educação pela Universidade de Coimbra diretor-fundador do lede

» LECTICIA MAGGI

Gerente de comunicação no lede

» MOZART NEVES RAMOS

Titular da Cátedra Sérgio Henrique Ferreira da USP de Ribeirão Preto e professor emérito da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

O compartilhamento de boas práticas entre escolas e redes de ensino não é algo usual no Brasil, mas deveria ser. Temos 5.570 redes municipais de ensino, várias das quais adotam ações interessantes em educação, que no entanto não chegam ao conhecimento das demais. O compartilhamento e a disseminação de boas práticas são extremamente valiosos, especialmente no atual contexto, em que os desafios históricos do país em relação à aprendizagem e à permanência escolar dos estudantes foram agravados pelo período de pandemia.

Dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) 2021, recém-divulgados pelo Ministério da Educação (MEC), mostram que houve queda de aprendizagem em língua portuguesa e em matemática em todas as etapas avaliadas. O Brasil todo tem um longo caminho pela frente para chegar a resultados educacionais equiparáveis, por exemplo, aos dos países desenvolvidos, tomando como referência o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa). É importante ainda ressaltar que algumas disciplinas e etapas são mais complexas do que outras, como é o caso da matemática e do ensino médio, respectivamente.

No livro *Ensino público com bons resultados*, produzido pelo centro de pesquisas em educação Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede), em parceria com a editora Moderna e a Fundação Santillana (FS) e com apoio da Cátedra Sérgio Henrique Ferreira, do Instituto de Estudos Avançados da USP de Ribeirão Preto (IEA — RP/USP), há uma compilação de estratégias e ações de redes de ensino de destaque no ensino fundamental em relação a cinco eixos estruturantes da educação: (1) políticas para professores; (2) avaliação e monitoramento da aprendizagem; (3) atuação da Secretaria de Educação; (4) currículo; e (5) material didático. A obra tem distribuição gratuita, e a versão digital está disponível aqui.

No primeiro eixo, por exemplo, relativo à política de professores, as redes têm em comum uma política consolidada de formação continuada e garantem condições para que os professores e gestores participem dos encontros formativos. Isso é feito, por exemplo, por meio de formações continuadas em serviço, já incluídas na carga horária do educador e previstas no calendário escolar. Esses pontos são fundamentais, já que, segundo os questionários do Saeb 2017, mais de 80% dos professores gostariam de ter participado de mais atividades de desenvolvimento profissional nos dois anos anteriores. Porém, 65% alegaram que não tinham disponibilidade de tempo, e 64%, que houve conflito com o horário de trabalho. Além disso, nas redes de ensino com melhores resultados, as formações são vistas como mecanismos de coesão e de valorização dos profissionais, e aqueles que mais se destacam são convidados a ministrar cursos e palestras aos colegas.

A avaliação e o monitoramento são outros



pontos-chave da atuação desses municípios, que, em geral, utilizam instrumentos diversos para o acompanhamento dos estudantes: além das avaliações de larga escala, há avaliações constantes elaboradas pela Secretaria de Educação e pelos professores de cada turma, além de observações frequentes de sala de aula por parte de coordenadores e gestores. Isso permite que se façam intervenções pedagógicas mais rápidas, evitando que as defasagens de aprendizagem dos estudantes se acumulem e que a equipe só descubra ao final do bimestre, por exemplo, que alguns não estão evoluindo da forma esperada e ficando para trás.

Nessas redes, as avaliações diagnósticas são utilizadas como base para mudanças, servindo para estruturar o reforço escolar e direcionar a formação de professores. Vale destacar também que, para que as escolas alcancem bons resultados educacionais, a atuação da Secretaria de Educação importa muito. Além do óbvio suporte estrutural — disponibilidade de recursos

materiais, logísticos e humanos às unidades de ensino —, faz muita diferença o apoio pedagógico. Em geral, nas redes de destaque, as equipes da Secretaria de Educação atuam de maneira bastante próxima das escolas: desburocratizam e facilitam a comunicação (via WhatsApp, e-mail, telefone e pessoalmente), e realizam reuniões constantes com os diretores e visitas periódicas às unidades de ensino.

Além disso, centralizam parte das atividades administrativas, para que as escolas possam ter mais tempo para se dedicar à aprendizagem dos estudantes. Garantir uma educação de excelência depende de múltiplos fatores. Talvez o compartilhamento de boas práticas não seja capaz de nos proporcionar indicadores educacionais similares aos dos melhores sistemas educacionais do mundo. Mas, caso consigamos universalizar os avanços já obtidos por algumas de nossas redes de ensino, milhares de estudantes terão a vida transformada. É isso que nos move e precisa ser o nosso compromisso.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Normalização do ódio

Não restam dúvidas de que o pior que poderia advir como consequências desta campanha polarizada começa a tomar forma nas mídias sociais, com os ataques sucessivos aos nordestinos pelo apoio dado ao candidato Lula, no primeiro turno destas eleições. Trata-se de um sério problema que, pelo seu desenrolar, conflagra ainda mais a nação, levando-nos, sem distinção, para o caminho perigoso e sem saída, dos conflitos fratricidas.

Ninguém, em posse de suas faculdades mentais e imbuído de um mínimo de ética humana, pode embarcar nesse bote furado. É tudo o que o país não precisa neste e em qualquer momento. É tudo o que querem os políticos sem compromisso e de olho em vantagens imediatas, mesmo que elas venham tingidas de sangue.

De um lado desses ataques, estão tanto os seguidores fanáticos da direita quanto os da esquerda. Na rede mundial, em que boa parte dos peixes são fakes, é preciso olhar para a questão com muito cuidado e, se possível, com a ajuda da Polícia Federal, pois trata-se aqui de um crime que aponta para a dissipação do Estado brasileiro e que aparece previsto na Constituição atual. De qualquer forma, a guerra de versões foi deflagrada, tendo como primeiro campo de batalha a internet. Neste meio, a coragem dos que atacam virtualmente, é imensa. A coragem, no entanto, para defender o que é certo, falta aos guerreiros de barro.

Tudo isso faz lembrar uma história que corria nos anos 1940, em plena Segunda Grande Guerra. Defensores e críticos do então chanceler alemão Adolfo Hitler discutiam sobre os avanços do nazismo. A certa altura, um desses defensores do Terceiro Reich e do führer (líder), afirmou com todas as letras: "As causas que nos levaram a esse conflito mundial e a ascensão do nazismo são todas dos judeus. Eles são os culpados por tudo que nos levaram a essa guerra".

Ao ouvir tão disparatada versão dos fatos, que conduziu a humanidade ao maior morticínio de sua história, um crítico desse raciocínio surreal e nitidamente racista, ponderou: "A culpa por tudo o que estamos passando, tanto a guerra quanto a ascensão do nazifascismo no mundo, não é somente dos judeus mas também dos ciclistas".

E por que os judeus? E por que os ciclistas? De fato, naquele período, os judeus eram os nordestinos da vez, criticados e atacados não só na Alemanha de Hitler, como em outras partes da Europa e inclusive no Brasil, onde era comum os ataques aos descendentes e imigrantes judeus. Ao promover essa campanha insana contra os nordestinos o que os fanáticos não sabem é que estão dando municiando, cada vez mais, os dois lados dessa disputa.

A grande questão é reconhecer que essa é uma batalha que interessa apenas àqueles que sabem que as divisões, ao enfraquecer o conjunto da sociedade e ao dividir a nação, tornam possível e mais fácil o avanço daqueles que querem dominar. Esse tipo de tática de guerra é antiga e nem por isso ineficaz. Com a palavra a Polícia Federal.

» A frase que foi pronunciada

“Se ciência for o que os Institutos de Pesquisa fazem antes das eleições, é preciso redefinir ciência.”

Ludovico Saboia

Sucesso de bilheteria

» *Amigo Secreto*, documentário de Maria Augusta Ramos agora está disponível na Apple TV, Google Play, YouTube Filmes, Vivo Play, Claro TV+ e Sky Play.

Notícia boa

» Goiás está se destacando no atendimento à saúde. A UPA do Novo Gama, voltado ao pessoal do Lunabel, funciona 24h com profissionais prestativos e atendimento rápido, inclusive crianças são assistidas na emergência, sem filas.

Mas veio

» No Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT) há casos em que a vedação do fornecimento de energia elétrica é negado em áreas de parcelamento irregular do solo. Essa é uma boa alternativa para desestimular a ocupação ilegal do solo. A iniciativa veio tarde.

Vitorioso

» Uma das lembranças mais engraçadas nas conversas com o Adriano Lafeté foi quando discutíamos sobre o cérebro dos homens e mulheres. Uma amiga dizia, como grande vantagem, que conseguia, numa execução de multitarefas, dirigir ouvindo rádio, cantando, tomando suco e arrumando o porta luvas. Lafeté com aquele jeito mineiro respondeu ganhando os ouvintes: “Eu só consigo duas coisas: dirigir e ter bom senso”. Boas lembranças.

» História de Brasília

A campanha, iniciada pelas professoras em prol da estabilidade, está sendo indicada como responsável principal pelo estado de coisas, e já se noticia que o sr. Leoboens teria, pronto, um novo contrato, para ser assinado. Quem não assinar, rua. Legislação trabalhista. (Publicada em 11/3/1962)

Da escravidão aos frigoríficos

» LEOMAR DARONCHO

Procurador do Trabalho

Em *Escravidão*, Laurentino Gomes afirma que nenhum outro assunto foi tão definidor na construção da identidade brasileira quanto a escravidão, sinônimo de trabalho árduo, violências, humilhações, exploração e discriminação. A observação permite o cotejo com um setor que segue em condições muito precárias, no século 21. Interiorizados, os frigoríficos empregam, com baixos salários, os mais vulneráveis, inclusive imigrantes haitianos, senegaleses e bolivianos. O setor se destaca com acidentes, doenças e mortes no trabalho, com 90 ocorrências por dia. Dados do Observatório de Saúde e Segurança do Trabalho (MPT/OIT) indicam aumento nas mortes no trabalho de abate e fabricação de produtos de carne. Foram 40 óbitos em 2021, contra 30, em 2020. Anteriormente, a atividade registrava 16 óbitos anuais, em média.

Com 20 mil acidentes de trabalho em 2021, o setor produz um exército de seqüelados e incapacitados. Destaque para lesões por cortes, amputações, lacerações e esmagamentos, que atingem dedos, mãos, braços, ombros, cabeça e o aparelho respiratório, embora o governo admita a forte subnotificação, pois muitos casos reconhecidos pelo INSS não têm a emissão da CAT — Comunicação de Acidentes de Trabalho — pelas empresas. Dados oficiais apontam a correlação dos transtornos maternos com o ambiente de trabalho em abatedouros, e o setor emprega muitas mulheres. Relatos recentes da imprensa revelam a tragédia humana de eventos que ceifam a vida de brasileiros num trabalho penoso

e árduo, marcado pela exploração.

Em 25/2/2021, o técnico eletromecânico Itamar (45 anos) morreu em São José/SC. Escorregou e ficou preso pelo pescoço no helicóide do sistema de refrigeração (superfícies úmidas e gordurosas). Em 29/8/2021, morreu o mecânico Rodrigo (37 anos). Caiu numa misturadora de hambúrgueres, em Dourados/MS (operações temerárias são feitas com equipamentos ligados). Em 30/11/2021, Jorge 26 (anos) morreu ao cortar a própria artéria femoral, em Araguaína/TO (o manuseio de facas ocorre em espaço reduzido e ritmo intenso).

Em 20/5/2022, o estoquista Marcus (28 anos) morreu prensado entre dois equipamentos, em Promissão/SP (ritmo e espaços confinados são fatores de risco). Em 16/6/2022, Jeferson (26 anos) sofreu queimaduras fatais em Votuporanga/SP. Em 17/9/2022, Antônio e João morreram limpando a caixa de inspeção de esgoto, em Leme/SP. Um terceiro trabalhador desmaiou e foi socorrido (exposição a gases letais em espaço confinado). Em 18/9/2022, Antônio (36 anos) foi vitimado pelo vazamento de amônia do sistema de refrigeração, em Rio Verde/GO. O mesmo evento levou ao hospital 11 operários, um deles na UTI.

A pesquisa de Laurentino Gomes descreve as etapas do comércio de cativos, mão de obra para as fazendas do império e para as minas de ouro e diamantes em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. A captura, a negociação e o transporte trouxeram ao Brasil, em três séculos e meio, cerca de 4,9 milhões de africanos. A média de

mortos, jogados ao mar, era de 14 por dia. Entre os trabalhadores escravizados, a expectativa de vida era de 18,3 anos. A crueldade dos depósitos de escravizados na costa africana, enquanto aguardavam o embarque, é apresentada com o cálculo econômico dos exploradores.

No entreposto negreiro inglês de Cape Coast Castle (litoral de Gana), os porões da fortaleza confinavam até 1.500 cativos. No espaço insalubre, era alta a taxa de mortalidade. O relato de um médico, em 1718, recomendava: separar doentes; conter infiltrações; impedir que dormissem no chão; escoar o esgoto; limpar e fumigar o espaço. As sugestões foram ignoradas num cálculo econômico. A fartura de cativos — “peças” baratas — inviabilizava o investimento.

Passados 300 anos, poucas atividades humanas concentram tantos fatores de risco quanto os frigoríficos, atividade com alta rotatividade, em que se dá o descarte de operários, enviados para hospitais, cemitérios ou INSS, realidade sintetizada no slogan: “A carne mais barata do frigorífico é a do trabalhador”. O estudo da nossa história ajuda na compreensão da lógica econômica de tão precária atividade. Impõe-se uma guinada na retórica que, ignorando a ciência e a saúde dos trabalhadores, vem investindo na fragilização das normas de proteção, como as que limitam o ritmo e exigem pausas de descanso. É urgente a adoção de uma pauta positiva, que dê atenção às mulheres e limite a duração do trabalho no setor, com base em parâmetros civilizados.